

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMPO DE APRENDER OU SIMPLES CUMPRIMENTO DA LEI?

Silvio César Cristovão<sup>1</sup>  
Eliana Ayoub<sup>2</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado; Formação de Professores; Educação Física Escolar.*

### INTRODUÇÃO

*Ensinar exige saber escutar* (FREIRE, 1996, p.70). Motivados por essa ideia de Paulo Freire, deparamo-nos com o fato de que ela remete-nos às inúmeras experiências de vida, tanto na escola, quanto em outros contextos sociais. De certa forma, escutar significa respeito e abertura para o novo, pois estamos sempre aprendendo algo quando assumimos a postura de ouvinte, independente de quem seja o interlocutor, de sua idade, gênero ou posição social. Como sugerem Ana Lúcia Guedes-Pinto e Roseli Aparecida Cação Fontana (2006, p.78):

A escuta do outro nos auxilia – a nós e aos nossos alunos – na aproximação do entendimento das ações e operações dos muitos sujeitos que fazem a escola, na medida em que ela possibilita exercitarmos a sensibilidade de nossos ouvidos às vozes e às histórias narradas por esses sujeitos.

A partir disso e defendendo um olhar para os discursos sob uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano (Vigotsky, 1993; Bakhtin, 1981, 2003, 2006), buscamos escutar alguns sujeitos, estudantes do curso de educação física da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, os quais concordaram em participar de uma investigação de mestrado sobre a formação docente, na qual buscamos investigar quais sentidos e significados são construídos em um dos momentos mais importantes dessa formação inicial, o estágio supervisionado.

Imaginamos, assim, que um estudo sobre a temática do estágio supervisionado seria uma das maneiras possíveis de contribuir para com a formação inicial, num tempo em que os cursos de licenciatura se encontram bastante desprestigiados, como lembra Bernardetti Gatti, Elba Barreto e Marli André (2011, p.258):

[...] mesmo com as políticas que objetivam incentivar a ampliação da matrícula e a permanência de estudantes nos cursos de licenciatura e com o crescimento da oferta de cursos, as matrículas não caminham no mesmo ritmo, e, em algumas licenciaturas, observa-se diminuição na procura.

Nosso objetivo foi analisar e compreender o papel do estágio no processo de formação de professores, tomando como referência as relações cotidianas vivenciadas pelo estagiário no contexto escolar. Esperamos que este trabalho possa se juntar a tantos outros que buscam (re)orientar as práticas de ensino que ocorrem nos cursos de formação, sem ter, em nenhum momento, caráter prescritivo, pois ele sugere que a reflexão sobre a formação seja compartilhada, (re)construída e ressignificada por todos os atores que participam dessa peça: orientadores, supervisores e estagiários.



## DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Levando em consideração que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto ou, nos termos de Bakhtin (2006, p.40), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”, utilizamos a entrevista dialógica como instrumento para (re)construir uma análise que suplantasse minimamente os sentidos e significados construídos pelos estagiários durante o período em que estiveram inseridos no contexto escolar.

As entrevistas foram realizadas com 7 sujeitos e versaram sobre temas relacionados ao processo de escolha pela licenciatura; experiências, dilemas e aprendizados com estágios não-obrigatórios e obrigatórios; relação teoria e prática (universidade e escola); reflexões sobre o(s) formato(s) em que ocorrem os estágios. Os sujeitos também foram incentivados a produzir, colaborativamente, narrativas sobre as experiências no/com o estágio, tendo em vista que poderíamos entrecruzar a oralidade com as narrativas escritas, pois, como nos lembra Vigotsky (1993), a escrita pode ser planejada, lenta e criteriosamente, enquanto a oralidade contém o inusitado, o mais imprevisível, mais espontâneo.

## A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Como o estudo em questão é de natureza qualitativa, importa ressaltar que a subjetividade sempre esteve presente em todas as falas, algumas refletindo sobre os aprendizados vislumbrados pelo período de estágio, outras tocando nos dilemas pelos quais passaram os estagiários, como é possível observar na narrativa oral de Ariane:

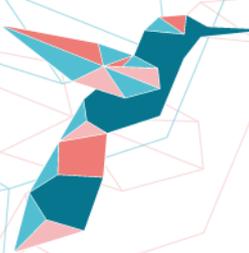
*“Eu acho que na faculdade às vezes os professores que tã dando aula pra gente, nem todos eles ainda atuam na escola hoje, muitos já atuaram na escola ou alguns até não atuaram, estão um pouco fora daquilo que a gente encontra lá dentro, então às vezes o que a gente aprende na universidade é tudo lindo, tudo maravilhoso, e a hora que você chega na escola você se dá conta que não é tudo daquele jeito tão simples. [...] que talvez precisasse pensar de uma outra forma”.*

Assim, acreditamos que o discurso de Ariane ressoa há tempos nos cursos de formação de professores, principalmente ao relembrar que as muitas experiências pelas quais passamos foram abastecidas por reflexões a respeito desse *fazer pedagógico* ocorrer de forma bastante dissociada das discussões no curso de formação. Dilema este que acaba nos levando à “busca pelo novo”, pelo movimento, ou como disse a própria Ariane, a *pensar de uma outra forma*.

Entendemos que esse *pensar de uma outra forma* inclui refletir sobre o estágio e suas práticas, as quais não podem ocorrer dissociadas dos contextos de formação e de atuação. Apesar disso, Ariane também reflete sobre as possibilidades de aprendizado que podem ocorrer no estágio:

*“Eu acho que esse contato do aluno enquanto em formação, tá dentro da escola atuando é muito importante, porque a gente consegue ver na prática o que a gente tá precisando aprender de verdade, né? [...] Então eu acho que realmente (o estágio é) um momento de aprendizagem”.*

A partir deste excerto, que sintetiza alguns depoimentos presentes nas/das narrativas orais e escritas dos sujeitos deste estudo, pudemos observar que vários dilemas e



aprendizados perpassaram o contexto do estágio supervisionado, alguns associando esse período a um simples cumprimento da lei, outros a um tempo de aprendizado.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa reflexão trouxe indicativos de que, mesmo estando em pleno século XXI, o qual tem sugerido repensar as práticas cotidianas de uma forma geral, ainda encontramos, infelizmente de maneira recorrente, práticas pedagógicas retrógradas quando analisamos o que se tem visto no campo de atuação em nossa área. Os resultados trouxeram críticas dos sujeitos no que se refere à realização do estágio no final do curso e apontaram, também, que, tanto as práticas de estágio desenvolvidas pelos estagiários, quanto as práticas pedagógicas de supervisores e orientadores, são elementos que influenciam na qualidade da formação e, portanto, necessitam ser tratadas conjuntamente, nunca de forma dissociada. Enfim, devem existir estímulos concretos à *faculdade de intercambiar experiências* (BENJAMIN, 1987, p.198), nessa complexa relação entre a universidade e a escola.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 12<sup>a</sup> ed. 2006.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévsky**. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. 3<sup>a</sup> ed. Tradução: S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GATTI, Bernardetti Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá, ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia e FONTANA, Roseli Aparecida Cação. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a prática de ensino na formação inicial. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.44, p.69-87. Dez/2006.
- VIGOTSKY, Lev Semyonovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

### FONTE DE FINANCIAMENTO

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEESP) – Programa Bolsa Mestrado

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Professor de educação física na Rede Estadual de São Paulo e da educação superior no Centro Universitário de Itajubá/MG – silviobocao1@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora da Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas. ayoub@unicamp.br